



COBERTURA MEDIÁTICA E (DES)IGUALDADE DE GÉNERO NO ATLETISMO PORTUGUÊS: ANÁLISE DOCUMENTAL DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS 2024

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Mafalda de Brito Evangelista Rothes Barbosa

Porto, Junho 2026



COBERTURA MEDIÁTICA E (DES)IGUALDADE DE GÉNERO NO ATLETISMO PORTUGUÊS: ANÁLISE DOCUMENTAL DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS 2024

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Mafalda de Brito Evangelista Rothes Barbosa

Trabalho efetuado sob a orientação de

Catarina Morais

Porto, Junho 2026

Declaração de Utilização de Inteligência Artificial

Foi utilizada inteligência artificial generativa (ChatGPT, OpenAI) nas secções de enquadramento teórico, metodologia, discussão para apoiar a organização estrutural do texto, reformulação académica de frases, clarificação da redação científica, uniformização segundo as normas APA e sistematização de informação. A utilização desta ferramenta teve como objetivo melhorar a clareza, coerência e fluidez da escrita académica, mantendo-se todas as decisões analíticas, a interpretação dos resultados e validação final dos conteúdos sob responsabilidade da autora.

Resumo

O presente estudo analisou a forma como a cobertura mediática do atletismo português durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024 representou atletas masculinos e femininos, num contexto marcado pelo debate em torno das desigualdades de género nos media desportivos. A investigação adotou uma abordagem de análise documental, combinando procedimentos qualitativos interpretativos com análise quantitativa descritiva e inferencial. O corpus integrou 48 peças jornalísticas provenientes do Diário de Notícias, Público e Tribuna Expresso. Foram analisadas categorias relacionadas com desempenho desportivo, vida pessoal/emocional, aspetos físicos, carreira fora do desporto e presença de intervenientes externos nas notícias analisadas. Os resultados evidenciaram uma relativa aproximação quantitativa entre géneros, particularmente na centralidade atribuída ao desempenho desportivo e na extensão global das peças. Ainda assim, observaram-se algumas diferenças na forma como atletas masculinos e femininos foram retratados, sobretudo nas notícias sobre atletas femininas, onde surgiram com maior frequência referências à vida pessoal e a dimensões extradesportivas. A única diferença estatisticamente significativa foi identificada na presença de fontes externas, observadas exclusivamente nas peças classificadas como Masculino. De forma exploratória, os resultados poderão sugerir que as desigualdades contemporâneas na cobertura mediática do desporto tendem a manifestar-se menos através da exclusão quantitativa das mulheres e mais através de mecanismos discursivos associados aos enquadramentos narrativos e aos processos de valorização simbólica.

Palavras-chave: enquadramento mediático; representação simbólica; visibilidade; análise documental.

Abstract

The present study analysed how Portuguese athletics media coverage during the Paris 2024 Olympic Games represented male and female athletes, within a context marked by ongoing debates surrounding gender inequalities in sports media. The study adopted a document analysis approach, combining interpretative qualitative procedures with descriptive and inferential quantitative analysis. The corpus comprised 48 journalistic pieces published in *Diário de Notícias*, *Público* and *Tribuna Expresso*. Categories related to athletic performance, personal/emotional life, physical aspects, career outside sport, and the presence of external actors in the analysed news coverage were examined. The results revealed a relative quantitative convergence between genders, particularly regarding the centrality attributed to athletic performance and the overall length of the articles. Nevertheless, some differences were observed in the ways male and female athletes were portrayed, especially in news coverage concerning female athletes, where references to personal life and extra-sport dimensions appeared more frequently. The only statistically significant difference was identified in the presence of external sources, observed exclusively in articles classified as Masculine. From an exploratory perspective, the findings may suggest that contemporary inequalities in sports media coverage tend to manifest less through the quantitative exclusion of women and more through discursive mechanisms associated with narrative framing and processes of symbolic valorisation.

Keywords: media framing; symbolic representation; visibility; document analysis.

Índice

Introdução.....	7
Enquadramento teórico.....	9
O desporto como reflexo das desigualdades de género	9
O papel dos media na construção das representações de género	10
Lacunas existentes	15
Metodologia.....	17
Desenho de estudo	17
Corpus documental.....	17
Categorias e instrumento de análise	18
Procedimentos de codificação	20
Procedimentos de análise de dados.....	20
Resultados.....	22
Caracterização geral do corpus.....	22
Conteúdo das peças, por género	23
Extensão das peças, por categoria e género.....	25
Representação visual, por peças	27
Vozes presentes nas peças, por género	27
Discussão	27
Centralidade do desempenho desportivo	28
Visibilidade e legitimação simbólica.....	30
Implicações práticas para a cobertura mediática do desporto.....	31
Considerações e limitações éticas.....	32
Conclusão	33
Referências	34

Introdução

As desigualdades de género em Portugal continuam a manifestar-se de forma persistente, refletindo-se em múltiplos domínios da vida social e económica, com particular incidência no mercado de trabalho. Apesar dos progressos registados nas últimas décadas, Portugal mantém um índice de igualdade de género (EIGE, 2024) abaixo da média da União Europeia, sobretudo nas dimensões da participação económica e poder de decisão. As mulheres continuam a representar uma parte substancial da força laboral (48,3%), mas ocupam, de forma desproporcional, empregos de menor remuneração e prestígio (Instituto Europeu para a Igualdade de Género [EIGE], 2024). Persistem desafios estruturais que comprometem a equidade profissional, como a segregação ocupacional, a disparidade salarial e a desadequação entre qualificação e inserção profissional (Távora & Rubery, 2013). A permanência de normas culturais tradicionais reforça uma divisão sexual do trabalho, mantendo as mulheres mais expostas à conciliação desigual entre vida profissional e familiar. Além disso, a escassez de políticas eficazes de conciliação e de regimes laborais flexíveis, como o trabalho a tempo parcial, continua a penalizar as mulheres, empurrando-as frequentemente para condições laborais mais precárias (EIGE, 2024; Távora & Rubery, 2013). Estas desigualdades têm raízes que se estendem ao sistema educativo, onde se observam disparidades precoces no acesso a certas áreas de estudo e oportunidades profissionais (EIGE, 2024). Esta realidade perpetua um ciclo de desvantagem social e económica, que compromete o princípio de meritocracia e limita a mobilidade social feminina.

Os media desempenham um papel central na reprodução e legitimação simbólica destas desigualdades, influenciando a forma como determinados grupos sociais são representados e reconhecidos publicamente. No contexto desportivo, a cobertura mediática constitui um elemento estruturante na construção das narrativas sobre desempenho, sucesso e relevância social dos atletas (Billings & Angelini, 2007; Cooky et al., 2015). A literatura tem demonstrado que os atletas masculinos tendem a receber maior visibilidade e enquadramentos centrados no desempenho técnico e competitivo, enquanto as atletas femininas são frequentemente representadas através de discursos associados à emoção, à vida pessoal ou à aparência física (Bruce, 2016; Eagleman, 2015). Estas práticas contribuem para a consolidação de narrativas que desvalorizam simbolicamente o papel das mulheres no desporto e reforçam estereótipos de género amplamente disseminados na sociedade.

Em Portugal, esta tendência tem igualmente sido identificada, embora a investigação sobre o tema permaneça relativamente escassa. Dados do European Institute for Gender Equality (2021) indicam que a visibilidade mediática das mulheres no desporto português

continua substancialmente inferior à dos homens. No contexto nacional têm igualmente evidenciado desigualdades persistentes na cobertura mediática do desporto feminino, nomeadamente ao nível da visibilidade atribuída às atletas e da atenção dedicada às suas prestações desportivas (Saraiva et al., 2019). Estes resultados encontram-se alinhados com a literatura internacional, que tem demonstrado que os atletas masculinos tendem a ser associados ao desempenho, à competência técnica e aos resultados competitivos, enquanto as atletas femininas são mais frequentemente representadas através de enquadramentos centrados em dimensões pessoais, emocionais ou estéticas (Bruce, 2016; Fink, 2016).

O desporto constitui, assim, um campo particularmente relevante para analisar os processos de construção simbólica do género, dado o seu elevado impacto mediático e cultural. Apesar do aumento da participação feminina nas competições internacionais, persistem desigualdades significativas na forma como homens e mulheres são representados e valorizados no espaço mediático (Cooky et al., 2021; Fink, 2016). A realização dos Jogos Olímpicos assume particular relevância neste contexto, por concentrar elevados níveis de exposição mediática e reconhecimento público, tornando-se um espaço privilegiado para observar de que forma os media constroem narrativas sobre género e desempenho desportivo.

A realização dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 representa um momento particularmente relevante para o estudo destas dinâmicas, uma vez que constituiu a primeira edição olímpica marcada pela paridade total entre atletas masculinos e femininos (International Olympic Committee [IOC], 2024). Também a delegação portuguesa apresentou, pela primeira vez, uma composição equilibrada entre homens e mulheres (Comité Olímpico de Portugal [COP], 2024). Este contexto oferece uma oportunidade privilegiada para analisar se a igualdade formal alcançada ao nível da participação competitiva se reflete igualmente numa representação mediática mais equilibrada. A cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024, ainda pouco explorada no contexto português, representa assim uma oportunidade para atualizar o conhecimento sobre género e media no desporto nacional.

A presente investigação procura analisar a cobertura mediática do atletismo português durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, examinando de que forma atletas masculinos e femininos são representados nos media portugueses. O estudo pretende identificar diferenças na frequência e natureza da cobertura noticiosa, bem como nos enquadramentos narrativos associados a cada género.

A escolha do atletismo como modalidade de análise justificou-se por diferentes fatores. Em primeiro lugar, trata-se da modalidade com maior número de atletas representados na delegação portuguesa para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, permitindo aceder a um corpus

mais diversificado e analiticamente comparável. Em segundo lugar, o atletismo apresenta um relativo equilíbrio de género em termos de participação, constituindo um contexto particularmente pertinente para observar eventuais diferenças de representação mediática entre atletas masculinos e femininos. Para além disso, a modalidade possui um histórico consolidado de sucesso olímpico português em ambos os géneros, com atletas masculinos e femininos a alcançarem elevados níveis de reconhecimento nacional e internacional ao longo das últimas décadas. Estas características tornam o atletismo um campo empírico relevante para analisar de que forma os media constroem e distribuem reconhecimento simbólico no contexto desportivo.

A investigação é orientada pela seguinte questão: De que forma a cobertura mediática do atletismo português nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 reflete as dinâmicas de género presentes no desporto nacional? Para responder a esta questão, definiram-se os seguintes objetivos específicos: (1) analisar a frequência e o tipo de cobertura mediática atribuída a atletas masculinos e femininos; (2) identificar os enquadramentos predominantes associados a cada género; (3) examinar de que modo os padrões de representação podem refletir ou desafiar desigualdades simbólicas no desporto; e (4) contribuir para uma compreensão mais aprofundada das práticas mediáticas no contexto da igualdade de género em Portugal.

Enquadramento teórico

O desporto como reflexo das desigualdades de género

Embora a participação das mulheres no desporto tenha aumentado significativamente nas últimas décadas, esta evolução quantitativa não se traduziu necessariamente numa igualdade efetiva ao nível do reconhecimento e da representação. Historicamente, o desporto foi construído como um espaço predominantemente masculino, associado a valores como força, competitividade e liderança, enquanto a participação feminina foi frequentemente condicionada por normas sociais e culturais que enquadravam as mulheres como fisicamente frágeis e menos aptas para a competição (Pfister, 2011). Ao longo do século XX, a presença das mulheres nas competições internacionais aumentou progressivamente, particularmente no contexto olímpico. Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1984, as mulheres representavam cerca de 34% dos participantes, valor que aumentou para 48,8% em Tóquio 2020 (International Olympic Committee [IOC], 2021). A realização dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 constituiu um marco histórico neste percurso, ao representar a primeira edição olímpica marcada pela paridade total entre atletas masculinos e femininos (IOC, 2024). Este avanço reflete um esforço institucional crescente no sentido da igualdade formal no acesso à competição desportiva.

Apesar destes progressos, persistem desigualdades estruturais no desporto contemporâneo. As mulheres continuam sub-representadas em cargos de liderança e decisão, enfrentam menores oportunidades de financiamento e permanecem mais expostas a formas de reconhecimento associadas à aparência ou à expressividade emocional, em detrimento da competência técnica e do desempenho atlético (Adriaanse & Claringbould, 2016; Hovden & Pfister, 2022). Estas desigualdades refletem construções sociais de género historicamente associadas a diferentes expectativas de masculinidade e feminilidade. A masculinidade tende a ser associada ao desempenho, à racionalidade e à autoridade, enquanto a feminilidade continua frequentemente relacionada com atributos como delicadeza, emotividade e sensibilidade (Connell & Pearse, 2015; Pfister, 2011). Deste modo, o desporto constitui um espaço particularmente relevante para analisar a forma como as relações de género são produzidas, legitimadas e hierarquizadas socialmente.

No contexto português, estas dinâmicas continuam igualmente presentes. Apesar dos avanços institucionais associados à igualdade de género e do aumento da participação feminina no desporto, persistem desigualdades significativas ao nível da visibilidade e reconhecimento público das atletas. Dados do European Institute for Gender Equality (2024) indicam que Portugal permanece abaixo da média da União Europeia em indicadores relacionados com igualdade de género, particularmente nas dimensões da participação económica e do poder de decisão. Também no contexto desportivo, estudos realizados em Portugal têm identificado desigualdades persistentes na cobertura mediática do desporto feminino, evidenciando uma menor visibilidade das atletas e uma atenção mediática desproporcionalmente centrada nos homens (Saraiva et al., 2019). Estas tendências sugerem que as desigualdades observadas na sociedade portuguesa continuam a refletir-se na forma como homens e mulheres são representados e reconhecidos no espaço mediático desportivo.

Neste contexto, os Jogos Olímpicos de Paris 2024 assumem particular relevância, não apenas pelo alcance simbólico associado à paridade competitiva, mas também pela possibilidade de observar se essa igualdade formal se traduz numa representação pública mais equilibrada entre atletas masculinos e femininos. O contexto olímpico constitui, assim, um espaço privilegiado para analisar de que forma o género continua a influenciar os processos de reconhecimento, valorização e visibilidade no desporto contemporâneo.

O papel dos media na construção das representações de género no desporto

As desigualdades estruturais observadas no desporto encontram nos media um dos seus principais mecanismos de reprodução simbólica e legitimação cultural (Bruce, 2016; Cooky et

al., 2021). A literatura tem demonstrado que a comunicação social exerce uma influência significativa na forma como o público interpreta o género e atribui valor às diferentes expressões da masculinidade e da feminilidade (Fink, 2016; Knoppers & Elling, 2004). Neste contexto, os media não se limitam a refletir a realidade social, mas participam ativamente na sua construção simbólica, moldando perceções, valores e hierarquias sociais. A partir da Teoria do Enquadramento, introduzida por Goffman (1974) e desenvolvida por Entman (1993), é possível compreender como os media selecionam, organizam e tornam mais salientes determinados aspetos da realidade, orientando a forma como os acontecimentos são interpretados socialmente. Entman (1993) define o enquadramento como o processo de selecionar determinados elementos da realidade percebida e torná-los mais salientes numa mensagem, promovendo interpretações específicas sobre os acontecimentos retratados. O enquadramento funciona, assim, como um mecanismo interpretativo que influencia a forma como os sujeitos são representados, reconhecidos e avaliados no espaço público (De Vreese, 2005; Entman, 1993; Scheufele, 1999).

A literatura científica tem demonstrado de forma consistente que as mulheres permanecem sub-representadas e diferencialmente enquadradas na cobertura desportiva. Estudos longitudinais sobre noticiários televisivos e imprensa desportiva indicam que o desporto feminino ocupa uma proporção reduzida da cobertura mediática, frequentemente situada entre 3% e 5% do total analisado, apesar do crescimento da participação feminina nas competições desportivas (Cooky et al., 2013, 2015; Fink, 2016). Estes dados evidenciam que a maior presença das mulheres no desporto não se traduz automaticamente numa visibilidade mediática proporcional, mantendo-se uma atenção desproporcional às modalidades masculinas, sobretudo às de maior rentabilidade comercial, como o futebol (Adriaanse & Claringbould, 2016). À luz da Teoria da Visibilidade, proposta por Thompson (1995), esta desigualdade não representa apenas uma disparidade quantitativa, mas também uma limitação do reconhecimento simbólico atribuído às atletas. Thompson (1995) argumenta que, nas sociedades mediatizadas, a visibilidade constitui uma forma de poder simbólico relacional, baseada no controlo da exposição pública e na capacidade de transformar essa exposição em legitimidade e prestígio social. A visibilidade não depende apenas da frequência da exposição mediática, mas também da qualidade, do contexto e do enquadramento dessa exposição (Hepp, 2020). Deste modo, a reduzida presença do desporto feminino nos media traduz-se igualmente numa limitação do reconhecimento social e institucional atribuído às mulheres no contexto desportivo.

Mesmo em eventos desportivos de grande visibilidade, como os Jogos Olímpicos, persistem diferenças significativas na forma como atletas masculinos e femininos são

representados. A literatura sobre cobertura mediática em contextos olímpicos demonstra que as atletas tendem a receber menor destaque e enquadramentos mais centrados em dimensões emocionais, pessoais ou estéticas do que os seus pares masculinos (Bruce, 2016; Eagleman, 2015; Godoy-Pressland & Griggs, 2014). A aplicação da Teoria do Enquadramento ao campo dos media desportivos tem-se revelado particularmente relevante desde o início dos anos 2000, quando investigações empíricas começaram a identificar padrões de desigualdade de género na forma como atletas masculinos e femininos são representados. Billings e Angelini (2007), na análise da cobertura televisiva dos Jogos Olímpicos de Atenas, observaram que os atletas masculinos eram enquadrados como competentes, fortes e racionais, enquanto as atletas femininas surgiam associadas a emoção, sacrifício e estética. Investigações subsequentes confirmaram a persistência destes enquadramentos estereotipados, mesmo em contextos de crescente paridade competitiva (Billings et al., 2015; Cooky et al., 2015, 2021; Kian et al., 2008; Musto et al., 2023). As narrativas mediáticas continuam frequentemente a associar os homens ao desempenho técnico, à racionalidade e à competitividade, enquanto as mulheres permanecem ligadas à emotividade, ao sacrifício e à aparência física (Musto et al., 2017; Pfister, 2011). Esta distinção discursiva reforça representações tradicionais de masculinidade e feminilidade, associando competência, autoridade e liderança ao masculino e sensibilidade, delicadeza e expressividade emocional ao feminino.

A linguagem jornalística constitui igualmente um elemento central na perpetuação destas desigualdades simbólicas. As análises discursivas demonstram que as atletas são frequentemente referidas pelo primeiro nome ou através de formas linguísticas mais informais, enquanto os homens tendem a ser tratados de forma mais institucional e centrada no desempenho competitivo (Cooky et al., 2015; Knoppers & Elling, 2004). Para além disso, a cobertura do desporto feminino enfatiza frequentemente aspetos pessoais, familiares ou estéticos, relegando para segundo plano dimensões relacionadas com técnica, estratégia e performance atlética (Fink, 2016). Este padrão discursivo contribui para a trivialização simbólica das atletas e para a desvalorização do mérito desportivo feminino, transformando o que deveria constituir uma narrativa de competência numa narrativa centrada na emoção ou na aparência. De acordo com Goffman (1974), os enquadramentos não apenas refletem a realidade, mas organizam a experiência e conferem sentido aos acontecimentos. Neste sentido, os media funcionam como atores sociais ativos que produzem significados e hierarquizam versões da realidade. Como observa Van Zoonen (1994), o enquadramento constitui uma forma de poder simbólico discursivo, influenciando quem é visível, como é representado e com que frequência surge nos media.

A dimensão visual reforça igualmente esta assimetria de tratamento. A literatura evidencia que as atletas são frequentemente representadas através de enquadramentos que salientam o corpo, a sensualidade ou a emoção, enquanto as imagens masculinas enfatizam o movimento, a força e o desempenho competitivo (Eagleman, 2015; Godoy-Pressland & Griggs, 2014). Estas escolhas editoriais reproduzem um olhar predominantemente masculino (male gaze), transformando o corpo feminino num objeto estético e diminuindo o valor simbólico do desempenho atlético das mulheres. Mesmo quando a intenção é positiva, a ênfase na aparência contribui para reforçar a ideia de que o valor da mulher no desporto permanece associado ao corpo e não à competência. Aplicada ao desporto, a Teoria da Visibilidade permite compreender como a presença mediática distribui capital simbólico (Bourdieu, 1991), premiando determinados sujeitos e marginalizando outros. Assim, ser visível num enquadramento emocional ou estético não confere o mesmo reconhecimento simbólico que ser visível num enquadramento técnico ou meritocrático (Thompson, 1995).

Com a expansão das redes sociais, websites desportivos e plataformas digitais, alguns autores sugeriram que os novos media poderiam contribuir para uma maior democratização da visibilidade desportiva, ao reduzir os mecanismos tradicionais de seleção editorial e ampliar o acesso à produção e circulação de conteúdos (Musto et al., 2023). No entanto, a literatura indica que as desigualdades de género persistem também no espaço digital. Apesar de um aumento pontual da cobertura do desporto feminino nas redes sociais, as narrativas continuam frequentemente associadas a dimensões emocionais, estéticas ou pessoais, em detrimento da análise técnica e competitiva (Musto et al., 2023). Pesquisas recentes demonstram que, embora as plataformas online tenham ampliado a visibilidade feminina, as lógicas de valorização simbólica permanecem assimétricas: as atletas continuam a surgir em narrativas emocionais e visuais centradas no corpo, enquanto os homens recebem destaque por feitos técnicos e competitivos (Musto et al., 2023). Estes padrões sugerem que a transformação tecnológica dos media não implica necessariamente uma transformação das representações de género no desporto.

O desporto feminino continua, assim, a ocupar uma posição marginal na cobertura mediática, constituindo um fenómeno global e persistente. A invisibilidade quantitativa manifesta-se na reduzida proporção de notícias, tempo de antena e cobertura fotográfica, enquanto a invisibilidade qualitativa se traduz em narrativas estereotipadas e formas diferenciadas de linguagem. A interação entre ambas reforça a hierarquia simbólica que posiciona o desporto masculino como referência dominante e o feminino como categoria secundária no espaço mediático (Bruce, 2016; Fink, 2016). Esta lógica não só condiciona a

percepção pública do mérito feminino, como limita o acesso das atletas a oportunidades de patrocínio, reconhecimento institucional e legitimidade profissional (Adriaanse & Claringbould, 2016; Musto et al., 2017). Apesar da sua relevância, a Teoria do Enquadramento tem sido criticada pela sua elasticidade conceptual e pela ausência de consenso em torno da definição precisa de frame (Scheufele, 1999). Ainda assim, continua a constituir uma das abordagens mais robustas para compreender os efeitos dos media na construção de significados sociais. De igual modo, embora a Teoria da Visibilidade tenha sido criticada pela dificuldade em operacionalizar empiricamente o impacto do reconhecimento mediático (Couldry, 2012), mantém-se particularmente relevante para compreender os mecanismos contemporâneos de legitimação simbólica.

Embora a maioria da literatura sobre género e media no desporto seja de natureza internacional, investigações desenvolvidas no contexto português apontam para padrões semelhantes de desigualdade mediática. Saraiva et al. (2019), numa análise da imprensa desportiva portuguesa, verificaram que o desporto feminino continuava a receber uma atenção mediática substancialmente inferior à dedicada ao masculino, tanto em termos de visibilidade como de volume de cobertura. Estes resultados encontram-se alinhados com a literatura internacional, que tem identificado diferenças persistentes nos enquadramentos utilizados para representar atletas masculinos e femininos. Enquanto os homens tendem a ser representados sobretudo através do desempenho, da competição e da competência técnica, as mulheres são mais frequentemente associadas a dimensões pessoais, emocionais e familiares (Bruce, 2016; Fink, 2016).

Em conjunto, estas dinâmicas contribuem para a reprodução de formas diferenciadas de reconhecimento e valorização simbólica no contexto desportivo. Apesar dos avanços registados nas últimas décadas, permanece limitada a investigação centrada em contextos mediáticos recentes e em modalidades com maior equilíbrio competitivo entre géneros, particularmente em eventos de elevada projeção internacional, como os Jogos Olímpicos.

Em síntese, a literatura evidencia que a cobertura mediática do desporto continua a privilegiar o masculino enquanto padrão de excelência, remetendo o feminino para uma posição secundária. Apesar do aumento da participação feminina e das políticas de igualdade implementadas nas últimas décadas, as hierarquias de género nos media permanecem resistentes à mudança. A articulação entre a Teoria do Enquadramento e a Teoria da Visibilidade revela-se particularmente relevante para compreender não apenas quem recebe atenção mediática, mas também de que forma essa visibilidade é construída, enquadrada e valorizada socialmente. Enquanto o enquadramento organiza os significados atribuídos às

representações mediáticas, a visibilidade influencia o reconhecimento simbólico associado aos sujeitos representados. Esta conjugação teórica torna-se particularmente pertinente para analisar de que forma os media portugueses representam atletas masculinos e femininos num contexto de crescente debate sobre igualdade e representatividade no desporto.

Lacunas existentes

Apesar da relevância e da consolidação do corpo teórico sobre género e media desportivos, persistem lacunas significativas que justificam a pertinência da presente investigação. A literatura internacional sobre o tema tem-se concentrado predominantemente em contextos anglo-saxónicos e nórdicos, onde o debate público e institucional sobre igualdade de género apresenta maior desenvolvimento (Adriaanse & Claringbould, 2016; Bruce, 2016; Fink, 2016). Em contraste, o contexto português permanece substancialmente menos explorado. Embora relevantes para a compreensão das desigualdades de género na cobertura mediática do desporto em Portugal, os estudos existentes continuam relativamente escassos e têm incidido sobretudo sobre questões de visibilidade e representação mediática, não se centrando especificamente no desporto de alta competição em contextos de elevada projeção internacional (Saraiva et al., 2019). Esta limitação torna-se particularmente relevante no contexto dos Jogos Olímpicos, reconhecidos como o evento desportivo de maior visibilidade mediática à escala global (International Olympic Committee [IOC], 2024). No contexto português, os Jogos Olímpicos assumem igualmente um lugar central no espaço mediático nacional, concentrando elevados níveis de atenção pública e jornalística, particularmente em modalidades como o atletismo, cuja visibilidade tende a aumentar significativamente durante o ciclo olímpico. Dada a dimensão simbólica, política e mediática associada aos Jogos Olímpicos, estes constituem um contexto privilegiado para analisar de que forma os media constroem reconhecimento, visibilidade e legitimidade em torno de atletas masculinos e femininos. Falta, portanto, uma análise sistemática e atualizada da cobertura mediática do desporto português em contextos olímpicos recentes, particularmente à luz das teorias do Enquadramento (Entman, 1993; Goffman, 1974) e da Visibilidade (Thompson, 1995).

Outra limitação relevante da literatura prende-se com o foco excessivo em modalidades tradicionalmente masculinas, como o futebol, o râguebi ou o ciclismo, cujos contextos competitivos e mediáticos estão profundamente marcados por desigualdades históricas (Eagleman, 2015; Godoy-Pressland & Griggs, 2014; Musto et al., 2023). Estes estudos têm revelado padrões de invisibilidade e sexualização persistentes, mas oferecem menor potencial comparativo, uma vez que as modalidades analisadas não partem de condições de igualdade

competitiva. Por essa razão, é pertinente explorar modalidades como o atletismo, onde homens e mulheres competem nas mesmas disciplinas, sob as mesmas regras e com cobertura mediática partilhada em grandes eventos (Pfister, 2011; IOC, 2024). Tal contexto oferece condições ideais para observar de que modo o género influencia a construção mediática, independentemente de fatores estruturais associados à modalidade.

A escolha do atletismo português como caso de estudo fundamenta-se, assim, em dois aspetos essenciais. Primeiro, trata-se de uma modalidade com histórico de excelência no panorama nacional e internacional, com figuras emblemáticas de ambos os géneros, como Rosa Mota, Fernanda Ribeiro, Patrícia Mamona e Pedro Pichardo, cujas conquistas têm elevado a visibilidade do desporto português. Segundo, os Jogos Olímpicos de Paris 2024 representam um marco simbólico: pela primeira vez, o evento alcançou paridade absoluta de género, tanto no número global de participantes (50% mulheres e 50% homens) como na delegação portuguesa, que apresentou igualmente uma composição equilibrada de atletas de ambos os sexos (Comité Olímpico de Portugal [COP], 2024; International Olympic Committee [IOC], 2024). Este enquadramento empírico oferece uma oportunidade única para observar se a igualdade formal conquistada em termos de participação se reflete numa igualdade simbólica ao nível da representação mediática.

Além de preencher uma lacuna empírica no contexto português, a presente investigação procura também responder a uma limitação recorrente na literatura sobre género e media desportivos. Grande parte dos trabalhos existentes tem privilegiado abordagens quantitativas centradas na frequência de cobertura e na distribuição da visibilidade mediática (Bruce, 2016; Musto et al., 2023). Embora estes contributos tenham sido fundamentais para identificar padrões de desigualdade entre atletas masculinos e femininos, permanece relativamente menos explorada a dimensão discursiva e simbólica das narrativas mediáticas. Neste sentido, a presente investigação adota uma perspetiva qualitativa e interpretativa centrada na análise crítica do discurso mediático, articulando as dimensões da representação, do enquadramento e do reconhecimento simbólico na construção mediática do género no desporto.

Neste sentido, a presente investigação procura colmatar a escassez de evidência empírica atualizada sobre género e media no desporto português, através de uma análise crítica centrada na cobertura mediática do atletismo durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. O estudo analisa de que forma os media portugueses estruturam discursivamente a representação de atletas masculinos e femininos, observando os mecanismos de seleção, valorização e reconhecimento simbólico presentes na cobertura jornalística. A investigação procura responder à seguinte questão central: de que forma os media portugueses representaram atletas

masculinos e femininos do atletismo durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024 e em que medida essa representação reflete desigualdades simbólicas de género.

Metodologia

Desenho de estudo

A presente investigação adota uma abordagem de análise documental, combinando uma dimensão qualitativa interpretativa com procedimentos quantitativos descritivos e inferenciais. O objetivo é compreender de que forma a cobertura mediática do atletismo português durante o ciclo olímpico de 2024 representou atletas masculinos e femininos, com particular atenção aos Jogos Olímpicos de Paris 2024. A escolha do atletismo justifica-se pela relevância histórica da modalidade no contexto desportivo português, pela elevada visibilidade associada aos Jogos Olímpicos e pelo facto de apresentar uma participação relativamente equilibrada entre atletas masculinos e femininos, constituindo um contexto particularmente adequado para analisar diferenças de representação mediática entre géneros. Esta opção metodológica permite articular a interpretação dos discursos jornalísticos com uma análise sistemática dos padrões de cobertura mediática, possibilitando analisar não apenas o conteúdo das peças, mas também a frequência e distribuição de determinados tópicos entre géneros.

A escolha da análise documental justifica-se pela natureza do objeto de estudo, uma vez que a investigação incide sobre conteúdos jornalísticos já produzidos e publicados. Este tipo de análise permite examinar documentos de forma sistemática, identificando padrões, temas e significados relevantes para a compreensão de fenómenos sociais e culturais (Bowen, 2009). Neste caso, os textos jornalísticos são entendidos como documentos mediáticos que não apenas informam sobre acontecimentos desportivos, mas também constroem representações simbólicas sobre os atletas, o género e o valor atribuído ao desempenho desportivo.

Corpus documental

O corpus empírico é constituído a partir de peças jornalísticas publicadas em três órgãos de comunicação social portugueses: Diário de Notícias, Público e Tribuna Expresso. A escolha destes jornais foi intencional e justificou-se pela sua relevância no panorama mediático português, pelo alcance nacional e pela posição que ocupam entre os meios de comunicação generalistas de referência em Portugal. O Diário de Notícias e o Público constituem dois dos jornais nacionais com maior tradição e reconhecimento editorial no contexto português, enquanto a Tribuna Expresso integra o grupo Expresso, associado a um dos semanários de maior circulação e influência mediática no país. Para além da sua elevada visibilidade pública e alcance nacional, estes meios caracterizam-se por um perfil editorial generalista, dirigido a

audiências amplas e não exclusivamente desportivas (APCT, 2024; OberCom, 2023). Optou-se por jornais generalistas, e não exclusivamente desportivos, porque o objetivo do estudo não consistia em analisar apenas a cobertura especializada do desporto, mas compreender de que forma o atletismo português foi representado no espaço mediático dirigido ao público em geral. Esta escolha permitiu observar como os atletas foram enquadrados em meios que participam ativamente na formação da opinião pública nacional e que não se dirigem apenas a audiências com interesse específico em desporto.

Para efeitos de comparação entre géneros, nas análises inferenciais foram consideradas apenas as peças centradas predominantemente em atletas masculinos ou femininos. As peças que incluíam referências simultâneas a atletas de ambos os géneros foram excluídas desta etapa, uma vez que não permitiam atribuir de forma clara os indicadores analisados a apenas um grupo. Ainda assim, estas peças foram mantidas na caracterização geral do corpus, por integrarem a cobertura mediática analisada.

A recolha de dados foi realizada através da consulta aos arquivos digitais dos jornais selecionados. Foram incluídas peças jornalísticas que abordavam direta ou indiretamente atletas portugueses de atletismo no contexto dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 ou do ciclo olímpico correspondente. A identificação das peças foi efetuada através da utilização de palavras-chave como “Paris 2024”, “Jogos Olímpicos”, “atletismo”, “atletas portugueses”, bem como os nomes dos atletas portugueses participantes na competição. Foram definidos como critérios de exclusão textos que (1) não mencionavam atletas concretos e (2) que não apresentavam conteúdo relevante para a análise da representação mediática do atletismo.

Categorias e instrumento de análise

As categorias de análise foram definidas com base no enquadramento teórico e nos objetivos específicos da investigação, sendo o processo de análise orientado pelas teorias do Enquadramento (Entman, 1993; Goffman, 1974) e da Visibilidade (Thompson, 1995), utilizadas como referenciais conceptuais para a construção do instrumento de análise. A Teoria do Enquadramento permitiu definir categorias relacionadas com a forma como os textos jornalísticos selecionam e destacam determinados aspetos da realidade, nomeadamente o desempenho desportivo, a vida pessoal e emocional, os aspetos físicos e estéticos e a carreira ou a vida fora do desporto. Por sua vez, a Teoria da Visibilidade orientou a análise de dimensões associadas aos mecanismos de reconhecimento simbólico presentes na cobertura mediática, permitindo analisar não apenas quem surge representado nas peças jornalísticas, mas também de que forma essa presença é construída e valorizada simbolicamente. A construção destas

categorias teve como finalidade operacionalizar os principais conceitos teóricos da investigação em dimensões observáveis no corpus. Assim, foram definidas categorias que permitissem identificar o foco dominante das peças, a presença de elementos pessoais ou físicos, o destaque atribuído ao desempenho desportivo e a existência de vozes internas ou externas (cf. Tabela 1). Esta categorização tornou possível analisar de forma sistemática se a cobertura mediática atribuía maior centralidade ao mérito desportivo ou se integrava outros elementos narrativos na representação de atletas masculinos e femininos.

Tabela 1

Categorias de análise e definição operacional

Categoria	Definição operacional
Desempenho desportivo	Referências a resultados, marcas, classificações, provas, técnica, preparação ou rendimento competitivo.
Vida pessoal/emocional	Referências a aspetos biográficos, familiares, emocionais ou experiências individuais dos atletas.
Aspetos físicos/estéticos	Descrições relacionadas com aparência, corpo, vestuário ou características físicas dos atletas.
Carreira ou vida fora do desporto	Referências a atividades profissionais, académicas ou trajetórias desenvolvidas fora da competição desportiva.
Voz do atleta	Presença de declarações ou citações diretas do próprio atleta nas peças jornalísticas.
Vozes externas	Presença de intervenientes externos, como treinadores, jornalistas, comentadores ou outros atletas.

A criação destas categorias justificou-se pela necessidade de comparar não apenas a quantidade de cobertura atribuída a atletas femininas e masculinos, mas também a qualidade dessa cobertura. No contexto da literatura sobre género e media desportivos, a desigualdade não se manifesta apenas na maior ou menor visibilidade, mas também nos tipos de enquadramento utilizados. Por isso, tornou-se necessário distinguir entre uma cobertura

centrada no mérito competitivo e uma cobertura centrada em dimensões pessoais, físicas ou externas ao desempenho. Esta distinção permitiu analisar se o género dos atletas se associava a diferentes formas de representação simbólica.

Procedimentos de codificação

Para operacionalizar a análise, foi construída uma grelha de codificação em Microsoft Excel. A utilização deste programa revelou-se adequada à organização e sistematização dos dados provenientes da análise documental, permitindo reunir numa única base de dados todas as informações relativas às peças jornalísticas analisadas. Sendo o corpus codificado manualmente, o Excel facilitou o registo estruturado das categorias analíticas, a comparação entre peças e a identificação de padrões entre variáveis, contribuindo para uma maior uniformização do processo de codificação. Além disso, possibilitou a organização das informações por categorias, jornais e género dos atletas representados, facilitando posteriormente a análise descritiva e inferencial dos dados.

A grelha integrou campos de identificação da peça, como jornal, título, data, autoria e referência, bem como categorias de análise relacionadas com o género do atleta, o foco temático, a distribuição textual, a dimensão visual e as vozes presentes na peça. A codificação foi realizada manualmente, peça a peça, permitindo uma leitura contextualizada dos conteúdos jornalísticos. Em cada artigo, foram identificadas as categorias temáticas presentes e contabilizados os caracteres associados a três dimensões principais: desempenho desportivo, vida pessoal/emocional e aspetos físicos. Esta opção permitiu avaliar não apenas se determinada categoria estava presente, mas também o peso textual atribuído a cada dimensão dentro da peça jornalística.

Procedimentos de análise de dados

Numa primeira fase, realizou-se uma análise descritiva do corpus, com o objetivo de caracterizar a distribuição das peças por jornal, género do atleta representado, foco temático e extensão textual. Esta análise permitiu identificar padrões gerais da cobertura mediática, nomeadamente a predominância do desempenho desportivo como foco central das peças e a distribuição diferenciada de temas como vida pessoal, aspetos físicos e carreira fora do desporto.

Numa segunda fase, foram realizados testes estatísticos inferenciais para comparar as peças classificadas como referentes a atletas femininas e masculinos. A realização destes testes justificou-se pela necessidade de verificar se as diferenças observadas na análise descritiva correspondiam apenas a variações pontuais do corpus ou se indicavam associações

estatisticamente relevantes entre o género do atleta e determinadas dimensões da cobertura mediática. Assim, os testes estatísticos foram utilizados como complemento da análise qualitativa e descritiva, permitindo dar maior robustez à interpretação dos resultados.

O corpus total integrou 48 peças jornalísticas. Para a análise inferencial, foram excluídas 5 peças classificadas como “Ambos”, por não permitirem atribuir de forma inequívoca os indicadores analisados a um único género. Assim, a análise inferencial incidiu sobre 43 peças jornalísticas, das quais 23 foram classificadas como Feminino e 20 como Masculino.

Para analisar a associação entre o género do atleta e a presença de determinadas categorias temáticas ou discursivas, foi utilizado o teste exato de Fisher. A escolha deste teste justifica-se pelo facto de as variáveis analisadas serem categóricas e dicotómicas, isto é, registadas em termos de presença ou ausência de determinada dimensão. Além disso, o teste exato de Fisher é especialmente adequado para amostras reduzidas e para situações em que algumas frequências esperadas são baixas, como acontece em categorias menos frequentes, por exemplo “carreira ou vida fora do desporto” ou “vozes externas”. Por essa razão, este teste foi considerado mais apropriado do que o qui-quadrado, uma vez que oferece maior fiabilidade em tabelas de contingência com números reduzidos.

Foram testadas através do teste exato de Fisher as seguintes dimensões: foco na vida pessoal, foco em aspetos físicos, carreira ou vida fora do desporto, presença da voz do próprio atleta e presença de vozes externas. Estas variáveis foram selecionadas por corresponderem a dimensões teoricamente relevantes na análise das desigualdades de género nos media desportivos. A literatura indica que as atletas femininas tendem, frequentemente, a ser representadas através de dimensões pessoais, emocionais ou físicas, enquanto os atletas masculinos são mais frequentemente enquadrados a partir do desempenho competitivo. Assim, testar estas categorias permitiu verificar se esse padrão surgia também no corpus analisado.

Além disso, foi aplicado um teste t para amostras independentes, com o objetivo de comparar o número médio de caracteres por peça entre os grupos feminino e masculino. A escolha deste teste justifica-se pelo facto de a variável analisada, número de caracteres por peça, ser quantitativa, permitindo comparar a média de extensão textual entre dois grupos independentes. Esta análise foi relevante para perceber se a cobertura dedicada a atletas femininas e masculinos diferia não apenas no tipo de enquadramento, mas também na dimensão textual atribuída a cada grupo.

A utilização do número de caracteres como indicador quantitativo permitiu operacionalizar a extensão da cobertura de forma objetiva. Ao comparar a média de caracteres por peça, procurou-se observar se existia diferença significativa no espaço textual concedido a

atletas femininas e masculinos. Esta análise complementou a leitura das frequências categóricas, permitindo avaliar tanto a presença de determinados temas como o volume de texto dedicado a cada género.

Os procedimentos estatísticos foram utilizados como complemento da análise interpretativa, não substituindo a leitura qualitativa dos conteúdos. A sua função foi verificar se os padrões observados na codificação apresentavam diferenças relevantes entre géneros. Assim, a metodologia articula uma análise qualitativa dos significados e enquadramentos discursivos com uma análise quantitativa das frequências, proporções e diferenças entre grupos.

Resultados

Caracterização geral do corpus

O corpus analisado (cf. Tabela 2) integrou 48 peças jornalísticas provenientes de três órgãos de comunicação social portugueses. A maioria das peças foi publicada no Diário de Notícias (45.8%) e na Tribuna Expresso (37.5%), enquanto o Público apresentou uma representação inferior no corpus (16.7%). Relativamente ao género dos atletas representados, 47.9% das peças foram classificadas como referentes ao género feminino e 41.7% ao género masculino. As restantes peças incluíam referências simultâneas a atletas de ambos os géneros, tendo sido excluídas da análise inferencial. Assim, esta etapa incidiu sobre 43 peças jornalísticas classificadas exclusivamente como “Feminino” ou “Masculino”.

Tabela 2

Caracterização do corpus por órgão de comunicação social, género, enquadramento temático e distribuição textual

Indicador	Diário de Notícias	Público	Tribuna Expresso	Total
N.º de peças	22	8	18	48
Masculino	8	3	9	20
Feminino	13	1	9	23
Desempenho desportivo	21	8	18	47
Vida pessoal/emocional	3	1	6	10
Aspetos físicos/estéticos	3	2	2	7
Carreira/vida fora do desporto	1	0	2	3
Caracteres de desempenho M (DP)	1588.7 (914.5)	1764.3 (1862.7)	1620.8 (1312.0)	1624.5 (1227.4)
Caracteres de vida pessoal M (DP)	82.6 (281.4)	41.2 (116.5)	325.9 (738.8)	157.8 (470.3)
Caracteres de aspetos físicos M (DP)	83.8 (278.1)	35.0 (98.9)	8.2 (34.6)	42.9 (181.7)

Nota. M = média; DP = desvio-padrão. Os valores de caracteres correspondem ao número de caracteres codificados em cada dimensão temática por peça jornalística.

Conteúdo das peças, por género

Relativamente à categoria “Desempenho desportivo”, verifica-se que esta apresenta uma presença praticamente transversal nas peças classificadas como “Feminino” e “Masculino”, encontrando-se em 100% das peças classificadas como “Feminino” (23/23) e em 95% das peças classificadas como “Masculino” (19/20), correspondendo a 47 das 48 peças do corpus. Esta categoria traduz-se na valorização de resultados competitivos e métricas de desempenho, como ilustrado em excertos que destacam marcas e classificações, nomeadamente

“garantiu [...] a presença na final [...] com o melhor salto da qualificação, 17,44 m” ou “alcançou [...] 17,81 metros, prata no bolso”. Os resultados do teste exato de Fisher indicam que não se observa uma associação estatisticamente significativa entre o género do atleta e a presença da categoria “Desempenho desportivo”.

Relativamente à categoria “Vida pessoal/emocional”, constata-se uma incidência superior nas peças classificadas como “Feminino”, presente em 26% das peças deste grupo (6/23), em comparação com 15% nas classificadas como “Masculino” (3/20). Esta categoria inclui referências a aspetos biográficos, emocionais e pessoais dos atletas, nomeadamente percurso de vida, contexto familiar ou experiências individuais, como evidenciado em expressões como “teve [...] uma profunda mudança de vida” ou “mãe há tão pouco tempo [...] a levar os 20 quilómetros de marcha até ao fim”. No entanto, os resultados do teste exato de Fisher indicam que esta diferença não é estatisticamente significativa ($p = .470$).

Relativamente à categoria “Aspetos físicos/estéticos”, observa-se um padrão semelhante ao da categoria “Vida pessoal/emocional”, verificando-se uma incidência descritivamente superior nas peças classificadas como Feminino, estando esta presente em 17% das peças classificadas como “Feminino” (4/23) e em 10% das peças classificadas como “Masculino” (2/20). Nos casos em que esta categoria surge, manifesta-se sobretudo através de descrições da aparência, vestuário ou características corporais dos atletas, como ilustrado em expressões como “de óculos escuros e boné [...] de tronco integralmente tapado pelo equipamento”. Também neste caso não se observam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p = .670$).

A categoria “Carreira e vida fora do desporto” apresenta a diferença descritiva mais acentuada, surgindo em 13% das peças classificadas como “Feminino” (3/23) e estando ausente nas peças classificadas como “Masculino”. Esta categoria traduz-se em referências a atividades, profissões ou trajetórias desenvolvidas para além da competição desportiva, como se observa em excertos que mencionam outras áreas da vida do atleta, nomeadamente “trabalha como médica e treina” ou “licenciada em medicina [...] a conciliar os lançamentos com a profissão”. Ainda assim, esta diferença não se revela estatisticamente significativa ($p = .240$).

Tabela 3*Síntese dos resultados comparativos entre peças classificadas como Feminino e Masculino*

Dimensão	Feminino	Masculino	Teste	p	Significativo
Vida pessoal/emocional	26% (6/23)	15% (3/20)	Fisher	.470	Não
Aspetos físicos/estéticos	17% (4/23)	10% (2/20)	Fisher	.670	Não
Carreira/vida fora do desporto	13% (3/23)	0% (0/20)	Fisher	.240	Não
Citações diretas do atleta	57% (13/23)	50% (10/20)	Fisher	.760	Não
Vozes externas	0% (0/23)	25% (5/20)	Fisher	.016	Sim
N.º médio de caracteres por peça	1717	2070	t(41) = 0.96	.346	Não

Nota. As percentagens foram arredondadas às unidades. Para as variáveis categóricas foi utilizado o teste exato de Fisher. Para a comparação do número médio de caracteres por peça foi utilizado o teste t para amostras independentes.

Extensão das peças, por categoria e género

No que respeita à distribuição textual, operacionalizada através do número de caracteres extraídos dos excertos textuais codificados em cada categoria, observam-se tendências descritivas distintas entre as peças classificadas como “Feminino” e “Masculino”. A Tabela 4 apresenta a média e o desvio-padrão do número de caracteres associados a cada categoria temática por género. De forma descritiva, observa-se que as peças classificadas como “Feminino” apresentam valores médios superiores nas categorias “Vida pessoal/emocional” e “Aspetos físicos/estéticos”, enquanto as peças classificadas como “Masculino” apresentam maior média de caracteres associados à categoria “Desempenho desportivo”. Ainda assim, estas diferenças devem ser interpretadas com prudência, uma vez que não foram realizados testes estatísticos específicos para comparar a distribuição dos caracteres entre categorias.

Tabela 4*Média e desvio-padrão do número de caracteres por categoria e género*

Categoria	Feminino M (DP)	Masculino M (DP)	Total M (DP)
Desempenho desportivo	1347.8 (876.4)	2011.7 (1320.5)	1624.5 (1227.4)
Vida pessoal/emocional	295.4 (640.2)	44.5 (151.2)	157.8 (470.3)
Aspetos físicos/estéticos	74.3 (240.7)	14.0 (62.6)	42.9 (181.7)

Nota. M = média; DP = desvio-padrão. Os valores correspondem ao número de caracteres codificados em cada categoria temática por peça jornalística.

Analisando a proporção de caracteres atribuída a cada categoria dentro do total de caracteres codificados por grupo, verifica-se que, nas peças classificadas como “Feminino”, cerca de 79% dos caracteres se concentram na categoria “Desempenho desportivo”, 17% na categoria “Vida pessoal/emocional” e 4% na categoria “Aspetos físicos/estéticos”. Por sua vez, nas peças classificadas como “Masculino”, aproximadamente 97% dos caracteres estão associados à categoria “Desempenho desportivo”, 2% à categoria “Vida pessoal/emocional” e 1% à categoria “Aspetos físicos/estéticos”.

Assim, embora a categoria “Desempenho desportivo” seja dominante em ambos os grupos, as peças classificadas como Feminino apresentam uma distribuição temática relativamente mais diversificada, integrando com maior frequência referências pessoais e não exclusivamente competitivas.

No sentido de comparar a extensão textual global entre grupos, foi realizado um teste *t* para amostras independentes, com base no número total de caracteres por peça. Os resultados indicam que não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre peças classificadas como “Feminino” e “Masculino”, $t(41) = 0.96$, $p = .346$, sugerindo que a extensão global das peças tende a ser semelhante entre grupos.

No entanto, apesar desta semelhança ao nível da dimensão textual total, observam-se tendências descritivas distintas na distribuição proporcional dos caracteres pelas diferentes categorias analíticas. As peças classificadas como “Feminino” apresentam, descritivamente, uma maior proporção de conteúdo associado às categorias “Vida pessoal/emocional” e “Aspetos físicos/estéticos”, enquanto as peças classificadas como “Masculino” concentram maior proporção de conteúdo na categoria “Desempenho desportivo”. Ainda assim, uma vez

que não foram realizados testes estatísticos específicos para comparar estas distribuições proporcionais, estes resultados devem ser interpretados de forma exploratória.

Representação visual, por peças

No plano da representação visual, a presença de imagem verifica-se de forma transversal em ambos os grupos. Ao nível do tipo de imagem, observa-se que, nas peças classificadas como “Feminino”, todas as imagens correspondem a situações de desempenho desportivo, enquanto no grupo “Masculino” 18 imagens correspondem igualmente a desempenho desportivo, registando-se ainda 1 imagem associada à carreira ou vida fora do desporto.

Vozes presentes nas peças, por género

Relativamente às vozes presentes nas peças, no que diz respeito à presença de citações diretas do atleta, registam-se 23 ocorrências no corpus analisado, distribuídas por 13 peças classificadas como “Feminino” e 10 como “Masculino”, correspondendo a cerca de 57% e 50% dos respetivos grupos. Esta dimensão manifesta-se através da inclusão de declarações diretas dos atletas, como “acho que foi um ouro perdido [...] perdi por dois centímetros” ou “vou pensar se continuo ou não”. Os resultados do teste exato de Fisher indicam que não se observa uma associação estatisticamente significativa entre o género e esta variável ($p = .760$).

No que concerne às vozes externas, observam-se ocorrências exclusivamente nas peças classificadas como “Masculino”, registando-se 5 ocorrências (25%), distribuídas entre treinadores, jornalistas e outros intervenientes. Estas vozes surgem frequentemente associadas a comentários interpretativos ou avaliações do desempenho desportivo, através da inclusão de declarações atribuídas a terceiros sobre fatores explicativos dos resultados ou da prestação competitiva dos atletas. Neste caso, os resultados do teste exato de Fisher evidenciam uma associação estatisticamente significativa entre o género do atleta e a presença de vozes externas ($p = .016$), indicando uma maior probabilidade de inclusão deste tipo de vozes nas peças classificadas como “Masculino”.

Discussão

A presente investigação teve como objetivo analisar de que forma a cobertura mediática do atletismo português durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024 representou atletas masculinos e femininos, procurando identificar possíveis diferenças nos enquadramentos narrativos, nos padrões de visibilidade mediática e na valorização simbólica atribuída aos atletas. De forma geral, os resultados sugerem uma relativa aproximação quantitativa entre géneros, particularmente no destaque atribuído ao desempenho desportivo e na extensão global

das peças jornalísticas. Ainda assim, observaram-se algumas tendências descritivas de diferenciação narrativa, sobretudo na presença de referências à vida pessoal/emocional, à carreira fora do desporto e na inclusão de vozes externas, ainda que a maioria destas diferenças não tenha atingido significância estatística. Embora a maioria das diferenças observadas não tenha atingido significância estatística, as tendências descritivas identificadas permitem levantar hipóteses interpretativas relevantes para futuras investigações.

Centralidade do desempenho desportivo

Os resultados obtidos permitem observar que, no contexto dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, a cobertura mediática do atletismo português atribuiu uma forte centralidade ao desempenho desportivo, independentemente do género dos atletas representados. Esta categoria esteve presente na totalidade das peças classificadas como Feminino e em praticamente todas as classificadas como Masculino, constituindo o principal foco narrativo da cobertura analisada.

Este resultado contrasta parcialmente com parte da literatura internacional, que tem identificado uma tendência para a representação diferenciada de atletas masculinos e femininos, com os homens mais frequentemente associados ao desempenho competitivo e as mulheres enquadradas através de dimensões emocionais, familiares ou estéticas (Billings & Angelini, 2007; Fink, 2016). Estudos realizados em diferentes contextos desportivos têm demonstrado que, apesar do aumento da participação feminina, as atletas continuam frequentemente sujeitas a formas de cobertura que relativizam o mérito competitivo em favor de aspetos pessoais ou extradesportivos (Bruce, 2016; Cooky et al., 2015).

Neste sentido, a predominância do desempenho desportivo observada no presente estudo poderá sugerir uma evolução das práticas mediáticas relativamente aos padrões descritos em investigações anteriores. Esta interpretação encontra suporte em trabalhos mais recentes que apontam para uma redução de algumas formas explícitas de marginalização do desporto feminino, particularmente em eventos de elevada visibilidade internacional, onde a competência desportiva tende a assumir maior centralidade discursiva (Bruce, 2016; Cooky et al., 2021). A realização dos Jogos Olímpicos constitui um contexto particularmente relevante neste domínio, uma vez que a cobertura tende a privilegiar resultados, classificações e desempenho competitivo, reduzindo parcialmente o espaço para enquadramentos alternativos.

Contudo, uma análise mais aprofundada dos resultados sugere que esta aproximação quantitativa não corresponde necessariamente a uma completa convergência nas formas de representação mediática. Apesar de o desempenho desportivo assumir uma posição dominante em ambos os grupos, as peças classificadas como Feminino apresentam uma incidência

descritivamente superior de referências à vida pessoal e emocional (26% versus 15%), bem como a presença exclusiva de conteúdos relacionados com a carreira ou vida fora do desporto. Embora estas diferenças não tenham atingido significância estatística, apontam para tendências narrativas que merecem reflexão.

Este padrão encontra-se alinhado com investigações que demonstram que as atletas femininas continuam frequentemente a ser representadas através de narrativas que articulam o desempenho competitivo com dimensões biográficas, familiares e emocionais (Eagleman, 2015; Fink, 2016; Godoy-Pressland & Griggs, 2014). Mesmo quando o mérito desportivo é reconhecido, a cobertura tende a enquadrar as mulheres como sujeitos multifacetados, integrando elementos da sua vida pessoal que raramente assumem igual relevância na representação dos atletas masculinos.

Historicamente, a feminilidade tem sido associada a atributos relacionais e emocionais, enquanto a masculinidade tende a ser construída em torno da competência, da racionalidade e do desempenho (Connell & Pearse, 2015; Pfister, 2011). Os resultados do presente estudo parecem refletir parcialmente estas dinâmicas, sugerindo que as atletas femininas continuam a ser representadas através de enquadramentos mais amplos do que aqueles habitualmente utilizados para os homens. Assim, enquanto os atletas masculinos tendem a surgir predominantemente pela sua função competitiva, as atletas femininas parecem continuar sujeitas a processos adicionais de contextualização pessoal.

Esta tendência torna-se particularmente visível na distribuição textual das peças. Embora o desempenho desportivo domine em ambos os grupos, representa aproximadamente 97% do conteúdo codificado nas peças classificadas como Masculino e cerca de 79% nas classificadas como Feminino. O espaço restante distribui-se sobretudo por referências à vida pessoal/emocional e a aspetos físicos. Apesar de não terem sido realizados testes estatísticos específicos para estas distribuições, os resultados sugerem que a cobertura das atletas femininas integra uma maior diversidade temática.

À luz da Teoria do Enquadramento (Entman, 1993; Goffman, 1974), estes resultados sugerem que os media não apenas selecionam os acontecimentos considerados relevantes, mas também organizam o significado atribuído às prestações desportivas. Embora o desempenho constitua o núcleo central da cobertura em ambos os grupos, as peças classificadas como Feminino parecem integrar com maior frequência enquadramentos complementares relacionados com dimensões pessoais e identitárias.

De igual modo, a Teoria da Visibilidade (Thompson, 1995) permite interpretar estes resultados para além da simples presença mediática. A visibilidade não depende apenas da

frequência com que um sujeito aparece nos media, mas também dos enquadramentos através dos quais essa presença é construída e valorizada. Neste sentido, os resultados sugerem que as atletas femininas são efetivamente visíveis na cobertura analisada, mas que essa visibilidade continua parcialmente associada a dimensões que ultrapassam o mérito competitivo propriamente dito. Tal poderá influenciar os processos de reconhecimento simbólico associados ao desempenho desportivo feminino, ainda que de forma mais subtil do que aquela identificada em investigações anteriores.

Visibilidade e legitimação simbólica

Para além da forma como os atletas são representados, importa considerar os mecanismos através dos quais o seu desempenho é legitimado no discurso mediático. Neste estudo, observa-se uma diferença estatisticamente significativa na presença de vozes externas: estas surgem em 25% das peças sobre atletas masculinos e estão ausentes nas peças sobre atletas femininas. Este resultado poderá sugerir que a performance atlética masculina é mais frequentemente objeto de interpretação, validação e análise por parte de terceiros. Estudos anteriores têm demonstrado que os processos de legitimação mediática no desporto tendem a ser construídos através da intervenção de especialistas e agentes institucionais, contribuindo para reforçar a autoridade simbólica do discurso desportivo (Bruce, 2016; Fink, 2016). A inclusão de vozes externas desempenha um papel relevante na construção da legitimidade mediática, uma vez que estas vozes conferem autoridade ao discurso jornalístico e contribuem para a valorização pública do mérito competitivo (Thompson, 1995).

A ausência deste tipo de mediação nas peças sobre atletas femininas poderá sugerir uma menor integração das suas prestações desportivas num espaço de análise técnica e especializada. Ainda assim, estes resultados devem ser interpretados com prudência, considerando a reduzida dimensão do corpus analisado. Este resultado aproxima-se de investigações que identificam diferenças nos processos de enquadramento mediático de atletas masculinos e femininos, particularmente na valorização técnica e institucional atribuída ao desporto masculino (Cooky et al., 2021; Eagleman, 2015). Neste sentido, embora a presença quantitativa das atletas femininas na cobertura mediática analisada seja relativamente expressiva, os mecanismos de valorização simbólica poderão continuar a manifestar-se de forma diferenciada. Por outro lado, a presença de citações diretas do atleta apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre géneros, o que poderá sugerir uma certa aproximação no acesso à expressão direta. No entanto, esta dimensão não desempenha necessariamente a mesma função discursiva que as vozes externas. Enquanto as declarações

dos próprios atletas remetem sobretudo para testemunhos pessoais e experiências subjetivas, as vozes externas tendem a introduzir elementos de interpretação técnica, validação institucional e reconhecimento especializado (Bruce, 2016; Thompson, 1995).

No que respeita à dimensão visual, não se observam diferenças relevantes entre géneros, sendo as imagens predominantemente centradas na prestação desportiva em ambos os grupos. Este resultado poderá indicar uma evolução relativamente a padrões anteriormente identificados na literatura, caracterizados pela sexualização ou estetização recorrente do corpo feminino nos media desportivos (Godoy-Pressland & Griggs, 2014; Eagleman, 2015). Ainda assim, a redução de formas explícitas de sexualização não implica necessariamente neutralidade mediática, podendo antes traduzir uma deslocação das desigualdades para formas mais implícitas e socialmente naturalizadas de diferenciação narrativa (Bruce, 2016; Musto et al., 2023). Neste sentido, as diferenças atuais poderão manifestar-se menos através da objetificação visual direta e mais através da seleção dos temas, da organização narrativa e das formas de legitimação atribuídas aos atletas. Esta interpretação aproxima-se das conclusões de Bruce (2016) que defende que as desigualdades contemporâneas na cobertura mediática do desporto feminino tendem a persistir através de mecanismos indiretos de enquadramento e valorização mediática. A ausência de diferenças expressivas na dimensão visual poderá igualmente refletir uma maior consciência editorial relativamente às críticas públicas dirigidas à representação mediática das mulheres no desporto (Cooky et al., 2021).

Nos últimos anos, os media têm sido crescentemente confrontados com debates sobre igualdade, diversidade e representações discriminatórias, o que poderá ter contribuído para uma redução das formas mais explícitas de objetificação visual das atletas (Fink, 2016). Ainda assim, os resultados do presente estudo sugerem que os processos de diferenciação narrativa tendem atualmente a manifestar-se sobretudo ao nível discursivo e simbólico, mais do que através de estratégias visuais diretamente diferenciadoras.

Implicações práticas para a cobertura mediática do desporto

Os resultados do presente estudo apresentam algumas implicações relevantes para a reflexão sobre a cobertura mediática do desporto em Portugal. Apesar da relativa aproximação quantitativa observada entre atletas masculinos e femininos, os resultados sugerem que persistem diferenças subtis ao nível dos enquadramentos narrativos e dos mecanismos de valorização simbólica mobilizados pelas peças jornalísticas. Neste sentido, torna-se importante promover práticas mediáticas que não se limitem à igualdade de visibilidade quantitativa, mas

que considerem igualmente a forma como atletas masculinos e femininos são discursivamente representados.

A presença mais frequente de referências pessoais e extradesportivas nas peças classificadas como Feminino poderá contribuir para uma representação menos centrada exclusivamente no mérito competitivo, mesmo quando o desempenho desportivo ocupa um lugar central na cobertura. Paralelamente, a menor presença de vozes externas associadas às atletas femininas poderá limitar os processos de legitimação técnica e reconhecimento especializado do desporto feminino. Estes resultados reforçam a importância de práticas jornalísticas mais conscientes dos mecanismos implícitos de diferenciação narrativa que podem persistir na cobertura mediática do desporto. A promoção de formas de representação mais equilibradas poderá contribuir não apenas para uma maior igualdade mediática, mas também para o reconhecimento simbólico das atletas enquanto protagonistas desportivas plenamente legitimadas no espaço público.

Considerações e limitações éticas

Todas as fontes analisadas são públicas, não tendo havido contacto direto com participantes humanos. Por esse motivo, o estudo não implicou riscos éticos associados à privacidade ou ao consentimento informado. Ainda assim, foram respeitados princípios de rigor, transparência e fidelidade ao conteúdo original das peças jornalísticas analisadas.

Reconhece-se, contudo, que a investigação apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, o corpus restringe-se a três órgãos de comunicação social, pelo que os resultados não podem ser generalizados a toda a imprensa portuguesa. Em segundo lugar, a dimensão relativamente reduzida da amostra, particularmente nas análises inferenciais, aconselha prudência na interpretação dos resultados estatísticos e na extrapolação das conclusões. Futuras investigações poderão recorrer a amostras mais extensas, abrangendo um maior número de peças jornalísticas, órgãos de comunicação social e períodos temporais mais alargados, permitindo aumentar a robustez das análises estatísticas e a consistência dos resultados obtidos. Por último, apesar da utilização de categorias de análise previamente definidas e teoricamente fundamentadas, a codificação manual das peças jornalísticas envolve inevitavelmente uma componente interpretativa, característica da investigação qualitativa. Estudos futuros poderão reforçar a fiabilidade do processo através da participação de múltiplos codificadores e da avaliação da concordância intercodificador, reduzindo a influência de interpretações individuais.

Em suma, a metodologia adotada permitiu analisar de forma sistemática a representação mediática de atletas masculinos e femininos no atletismo português. A articulação entre análise documental, codificação temática, organização dos dados em Excel e aplicação de testes estatísticos permitiu compreender não apenas os conteúdos presentes nas peças jornalísticas, mas também os padrões comparativos entre géneros na cobertura dos Jogos Olímpicos de Paris 2024.

Conclusão

Em síntese, os resultados apontam para sinais de transformação nas práticas mediáticas associadas à cobertura do atletismo português durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Apesar da relativa aproximação observada entre géneros ao nível da visibilidade e da centralidade atribuída ao desempenho desportivo, os resultados sugerem a persistência de algumas tendências de diferenciação narrativa entre peças classificadas como “Feminino” e “Masculino”.

Estas diferenças manifestam-se sobretudo na diversificação temática das peças sobre mulheres, na menor centralidade do desempenho no discurso e na ausência de mecanismos de legitimação externa. Deste modo, os resultados sugerem que as desigualdades contemporâneas na cobertura mediática do desporto poderão manifestar-se menos através da exclusão direta das mulheres e mais através de formas implícitas de diferenciação narrativa e valorização mediática.

Assim, pode concluir-se que a cobertura mediática não perpetua desigualdades de género de forma explícita ou quantitativamente evidente, mas poderá contribuir para a sua manutenção através de processos discursivos que diferenciam a forma como atletas femininas e masculinos são representados e reconhecidos no espaço mediático. Estes resultados reforçam a ideia de que a igualdade no desporto não depende apenas da participação, mas também da forma como essa participação é representada, interpretada e valorizada publicamente. Neste sentido, a igualdade mediática poderá constituir um desafio não apenas de visibilidade, mas também de reconhecimento simbólico, exigindo uma reflexão contínua sobre os enquadramentos através dos quais atletas masculinos e femininos são representados no espaço público. Os resultados sugerem que, no contexto contemporâneo, a igualdade mediática no desporto poderá depender menos do acesso das mulheres à visibilidade e mais da transformação dos enquadramentos através dos quais essa visibilidade é construída e legitimada.

Referências

- Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação. (2024). *Dados de circulação e audiência da imprensa portuguesa*. APCT. <https://www.apct.pt/>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Rev. e atualizada ed.). Edições 70.
- Billings, A. C., & Angelini, J. R. (2007). Packaging the games for viewer consumption: Gender, ethnicity, and nationality in NBC's coverage of the 2004 Summer Olympics. *Communication Quarterly*, 55(1), 95–111.
- Billings, A. C., Angelini, J. R., & Eastman, S. T. (2015). *Olympic television narratives: International perspectives*. Routledge.
- Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic power*. Harvard University Press.
- Bowen, G. A. (2009). Document analysis as a qualitative research method. *Qualitative Research Journal*, 9(2), 27–40. <https://doi.org/10.3316/QRJ0902027>
- Bruce, T. (2016). New rules for new times: Sportswomen and media representation in the third wave. *Sex Roles*, 74(7–8), 361–376. <https://doi.org/10.1007/s11199-015-0497-6>
- Comité Olímpico de Portugal. (2024). *Delegação portuguesa para os Jogos Olímpicos de Paris 2024 atinge paridade de género pela primeira vez*. COP.
- Connell, R., & Pearse, R. (2015). *Gender: In world perspective* (3rd ed.). Polity Press.
- Cooky, C., Messner, M., & Hextrum, R. (2013). Women play sport, but not on TV: A longitudinal study of televised news media. *Communication & Sport*, 1(3), 203–230. <https://doi.org/10.1177/2167479513476947>
- Cooky, C., Messner, M., & Musto, M. (2015). “It’s dude time!”: A quarter century of excluding women’s sports in televised news and highlight shows. *Communication & Sport*, 3(3), 261–287. <https://doi.org/10.1177/2167479515588761>

- Cooky, C., Messner, M., & Musto, M. (2021). *No slam dunk: Gender, sport, and the unevenness of social change*. Rutgers University Press.
- Couldry, N. (2012). *Media, society, world: Social theory and digital media practice*. Polity Press.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4th ed.). Sage.
- De Vreese, C. H. (2005). News framing: Theory and typology. *Information Design Journal + Document Design*, 13(1), 51–62. <https://doi.org/10.1075/idjdd.13.1.06vre>
- Eagleman, A. N. (2015). Constructing gender differences: Newspaper portrayals of male and female gymnasts at the 2012 Olympic Games. *Sport in Society*, 18(2), 234–247. <https://doi.org/10.1080/17430437.2013.854509>
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- European Institute for Gender Equality. (2021). *Gender equality and sport*. Publications Office of the European Union. <https://eige.europa.eu/gender-mainstreaming/policy-areas/sport>
- European Institute for Gender Equality. (2024). *Gender Equality Index 2024: Progress and challenges in the EU*. Publications Office of the European Union. <https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2024>
- Fink, J. S. (2016). Hiding in plain sight: The embedded nature of sexism in sport. *Journal of Sport Management*, 30(1), 1–7. <https://doi.org/10.1123/jsm.2015-0278>
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Harper & Row.
- Godoy-Pressland, A., & Griggs, G. (2014). The photographic representation of female athletes in the British print media during the London 2012 Olympic Games. *Sport in Society*, 17(6), 808–823. <https://doi.org/10.1080/17430437.2014.882908>
- Hepp, A. (2020). *Deep mediatization*. Routledge.

- Hovden, J., & Pfister, G. (2022). *Gender, leadership and equality in sport governance*. Routledge.
- International Olympic Committee. (2021). *Gender equality and inclusion report*. IOC. <https://olympics.com/ioc/gender-equality>
- International Olympic Committee. (2024). *Paris 2024 achieves full gender parity*. IOC. <https://olympics.com/ioc/news/paris-2024-achieves-full-gender-parity>
- Kian, E., Vincent, J., & Mondello, M. (2008). Masculine hegemonic hoops: An analysis of media coverage of March Madness. *Sociology of Sport Journal*, 25(2), 223–242. <https://doi.org/10.1123/ssj.25.2.223>
- Knoppers, A., & Elling, A. (2004). “We do not engage in promotional journalism”: Discursive strategies in sports reporting. *International Review for the Sociology of Sport*, 39(1), 57–73. <https://doi.org/10.1177/1012690204040523>
- Musto, M., Cooky, C., & Messner, M. (2017). From “fizzle” to “sizzle!”: Televised sports news and the production of gender-bland sexism. *Gender & Society*, 31(5), 573–596. <https://doi.org/10.1177/0891243217726056>
- OberCom. (2023). *Relatório anual do consumo de media em Portugal*. Observatório da Comunicação. <https://www.obercom.pt/anuario-da-comunicacao-2023/>
- Pfister, G. (2011). *Gender equality and (elite) sport*. Department of Exercise and Sport Sciences, University of Copenhagen. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.23823.74401>
- Saraiva, P., Ferreira, V., & Silveirinha, M. J. (2019). *A distant finish line for women: Gender and the sports press in Portugal (1996–2016)*. *Ex aequo*, 40, 67–87. <https://doi.org/10.22355/EXAEQUO.2019.40.05>
- Scheufele, D. A. (1999). Framing as a theory of media effects. *Journal of Communication*, 49(1), 103–122. <https://doi.org/10.1093/joc/49.1.103>
- Távora, I., & Rubery, J. (2013). Female employment, labour market institutions and gender culture in Portugal. *European Journal of Industrial Relations*, 19(3), 221–237. <https://doi.org/10.1177/0959680113493374>

- Thompson, J. B. (1995). *The media and modernity: A social theory of the media*. Stanford University Press.
- Toffoletti, K., & Thorpe, H. (2018). Female athletes, self-representation and social media. In B. Hutchins & D. Rowe (Eds.), *Digital media sport: Technology, power and culture in the network society* (pp. 252–268). Routledge.
- Van Zoonen, L. (1994). *Feminist media studies*. Sage.
- Women's Sports Foundation. (2015). *Gender in televised sports: 25-year study*. Women's Sports Foundation. https://www.womenssportsfoundation.org/articles_and_report/25-year-study-shows-coverage-of-womens-sports-on-televised-news-and-highlights-shows-remains-very-low/